



# PROCESSO SELETIVO 2016

07/12/2015

## INSTRUÇÕES

### Conhecimentos Específicos

1. Confira, abaixo, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova. Antes de iniciar a resolução das questões, confira a numeração de todas as páginas.
3. A prova desta fase é composta de 10 questões discursivas de Filosofia.
4. As questões deverão ser resolvidas no caderno de prova e transcritas na folha de versão definitiva, que será distribuída pelo aplicador de prova no momento oportuno.
5. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
6. Ao receber a folha de versão definitiva, examine-a e verifique se o nome impresso nela corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
7. As respostas das questões devem ser transcritas **NA ÍNTEGRA** na folha de versão definitiva, com caneta preta.

**Serão consideradas para correção apenas as respostas que constem na folha de versão definitiva.**

8. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
9. São vedados o porte e/ou o uso de aparelhos sonoros, fonográficos, de comunicação ou de registro, eletrônicos ou não, tais como: agendas, relógios com calculadoras, relógios digitais, telefones celulares, *tablets*, microcomputadores portáteis ou similares, devendo ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. São vedados também o porte e/ou uso de armas, óculos escuros ou de quaisquer acessórios de chapelaria, tais como boné, chapéu, gorro ou protetores auriculares. Caso essas exigências sejam descumpridas, o candidato será excluído do concurso.
10. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo para a transcrição na folha de versão definitiva, é de 2 horas e 30 minutos.
11. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador de prova. Aguarde autorização para entregar o caderno de prova, a folha de versão definitiva e a ficha de identificação.

**FILOSOFIA**

**DURAÇÃO DESTA PROVA: 2 horas e 30 minutos**

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

TURMA

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

CÓDIGO



# 01 - Leia o texto abaixo:

Tão logo uma questão existencialmente relevante vá para a agenda política, os cidadãos – tanto crentes como não crentes – entram em colisão com suas convicções impregnadas de visões de mundo e, à medida que trabalham as agudas dissonâncias desse conflito público de opiniões, têm a experiência do fato chocante do pluralismo das visões de mundo. Quando aprendem a lidar pacificamente com esse fato na consciência de sua própria falibilidade – sem rasgar, portanto, o laço de uma comunidade política –, eles reconhecem o que significam, em uma sociedade pós-secular, as condições seculares da tomada de decisões, estabelecidas pela Constituição. No conflito entre as pretensões do saber e as pretensões da fé, o Estado, sendo neutro no que diz respeito às visões de mundo, não tem qualquer predisposição a tomar decisões políticas em favor desta ou daquela parte. A razão pluralizada do público constituído pelos cidadãos do Estado só segue uma dinâmica de secularização na medida em que força, no resultado, a um distanciamento igual em relação às tradições fortes e aos conteúdos impregnados de visões de mundo. Sem renunciar à sua autonomia, ela permanece aberta, como que osmoticamente, para a possibilidade de aprender com ambas as partes do conflito.

(HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. Editora São Paulo: Unesp, 2013.)

**Segundo Habermas, os ataques terroristas de 11 de setembro fizeram “vibrar uma corda religiosa no mais íntimo da sociedade secular” e apresentaram o desafio de se pensar e de se construir uma sociedade pós-secular. Quais as principais prerrogativas para se consolidar tal sociedade?**

---



---



---



---



---



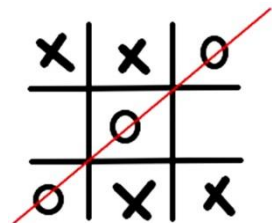
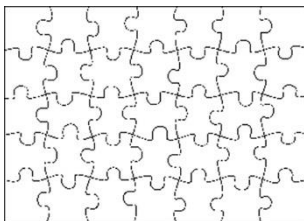
---

## Os trechos a seguir são referência para as questões 02, 03 e 04.

Normalmente o cientista é um solucionador de quebra-cabeças como um jogador de xadrez, e a adesão induzida pela educação é o que lhe dá as regras do jogo que se pratica no seu tempo. Na ausência delas, ele não seria um físico, um químico ou o que quer que fosse aquilo para que fosse preparado (p. 25). [...] As regras fornecidas pelo paradigma não podem então ser postas em questão, uma vez que sem essas regras não haveria quebra-cabeças para resolver. Não há, portanto, dúvidas de que os problemas (ou quebra-cabeças), pelos quais o praticante da ciência madura normalmente se interessa, pressupõem a adesão profunda a um paradigma. E é uma sorte que essa adesão não seja abandonada com facilidade. A experiência mostra que, em quase todos os casos, os esforços repetidos, quer do indivíduo, quer do grupo profissional, acabam finalmente por produzir, dentro do âmbito do paradigma, uma solução mesmo para os problemas mais difíceis. Esta é uma das maneiras pela qual avança (p. 49-50). [...] Porém, essa imagem da investigação científica como resolução de quebra-cabeças ou ajustamento de paradigmas deve estar, em última análise, bastante incompleta. [...] Embora o cientista não se esforce normalmente por inventar novos tipos de teorias fundamentais, tais teorias com frequência têm surgido da prática continuada da investigação. [...] Para ele trata-se de alterar as regras do jogo e qualquer alteração de regras é intrinsecamente subversiva. Esse elemento subversivo torna-se, claro está, mais aparente em inovações teóricas de grande importância, como as associadas aos nomes de Copérnico, Lavoisier ou Einstein. [...] O que se segue é que, se a atividade normal de solucionar quebra-cabeças tivesse sempre êxito, o desenvolvimento da ciência não poderia conduzir a qualquer tipo de inovação fundamental (p. 51).

(KUHN, Thomas. “A função do dogma na investigação científica”. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/29751>>.)

## 02 - De acordo com Thomas Kuhn, a atividade típica do cientista em períodos de ciência madura assemelha-se à resolução de enigmas ou de quebra-cabeças. As imagens abaixo são exemplos de jogos como esses:



**Quais são as semelhanças entre os jogos de quebra-cabeças (ou os enigmas) e a atividade do cientista em períodos de ciência madura/normal?**

---



---



---



---



---



---

03 - Em uma de suas citações, Kuhn afirma que “as regras fornecidas pelo paradigma não podem então ser postas em questão, uma vez que sem essas regras não haveria quebra-cabeças para resolver”. Como Kuhn chama os episódios nos quais essas regras são postas em questão e substituídas por outras? O que caracteriza esses momentos?

---



---



---

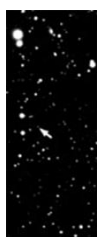


---



---

04 - Em 08/12/2014, o jornal Gazeta do Povo anunciou, em uma de suas manchetes: “Espaçonave fará imagens da superfície de Plutão”. Nela, era afirmado que certo cientista acreditava que na superfície de Plutão poderiam ser encontradas crateras e montanhas, visto que, com o conhecimento que tinham, elas eram evidentes. Alguns meses depois, em 17/07/2015, uma nova manchete confirma a previsão: “Sonda envia imagens de montanhas em Plutão”. Vários jornais do mundo divulgaram os avanços das imagens obtidas do astro. Uma delas, publicada pelo jornal The Guardian, em 12/07/2015, mostra a evolução delas ao longo dos anos:



Em 1930



Em 2006



Em 2015

(Fontes: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/espacnave-fara-imagens-da-superficie-de-plutao-eh4tymnx2xuhql5ta8tzs2yj2>>; <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/sonda-envia-imagens-de-montanhas-em-plutao-0z7v9csl9pc5jo6b6ayrkkob4>> e <<http://www.theguardian.com/science/2015/jul/12/starwatch-pluto-dwarf-planet-new-horizons>>.)

Do episódio tal como descrito acima, pode-se dizer que ele representa um desenvolvimento da ciência normal/madura ou uma revolução científica? Quais são as principais características desse período da ciência?

---



---



---



---



---

05 - Considere o texto a seguir:

A palavra ‘secularização’ teve, a princípio, o significado jurídico de uma transferência compulsória dos bens da Igreja para o poder público secular. Esse significado foi transmutado para o surgimento da modernidade cultural e social como um todo.

(HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. Editora São Paulo: Unesp, 2013.)

Discorra sobre quatro das principais características do processo moderno de “secularização”.

---



---



---



---



---

**Os textos a seguir são referência para as questões 06, 07 e 08.**

Reconhecemos [...] uma uniformidade nas ações e motivações humanas de forma tão pronta e universal como o fazemos no caso da operação dos corpos (p. 379).

Parece [...] não apenas que a conjunção entre motivos e ações voluntárias é tão regular e uniforme como a que existe entre a causa e o efeito de qualquer parte da natureza, mas também que essa conjunção regular tem sido universalmente reconhecida pela humanidade [...] (p. 384).

[...] Quando consideramos quão adequadamente se ligam as evidências natural e moral, formando uma única cadeia de argumentos, não hesitaremos em admitir que elas são da mesma natureza e derivam dos mesmos princípios. Um prisioneiro [...] quando levado ao cadafalso, prevê com tanta certeza sua morte tanto a partir da constância e fidelidade de seus guardas quanto da operação do machado ou da roda. Sua mente percorre uma certa sequência de ideias: a recusa dos soldados em consentir na sua fuga, a ação do carrasco, a cabeça separando-se do corpo, a hemorragia, os movimentos convulsivos e a morte. Eis aqui um encadeamento de causas naturais e ações voluntárias, mas a mente não sente nenhuma diferença entre elas ao passar de um elo para outro, nem está menos certa do futuro resultado do que estaria se ele se conectasse a objetos presentes à sua memória ou sentidos por uma sequência de causas cimentadas pelo que nos apraz chamar uma necessidade física (p. 385-6).

[...] Um homem que ao meio-dia deixe sua bolsa recheada de ouro na calçada de Charing Cross [uma movimentada rua de Londres] pode tão bem esperar que ela voe longe como uma pena como que a encontrará intacta uma hora mais tarde. Mais da metade dos raciocínios humanos contêm inferências de natureza semelhante, acompanhadas de maiores ou menores graus de certeza, em proporção à experiência que temos da conduta costumeira dos homens (p. 386-7).

[...] Logo que nos convencemos de que tudo o que sabemos acerca de qualquer tipo de causação é simplesmente a conjunção constante de objetos e a consequente inferência de um ao outro realizada pela mente, e descobrimos que todos admitem universalmente que essas duas condições ocorrem nas ações voluntárias, reconhecemos talvez mais facilmente que essa mesma necessidade é comum a todas as causas (p. 387).

(Hume, David. "Da liberdade e necessidade. Uma investigação sobre o entendimento humano", seção 8. In: Antologia de textos filosóficos. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009.)

**06 - O que o autor entende nessa passagem por "evidência natural"? O que ele entende por "evidência moral"? O que, segundo ele, tais tipos de evidências têm em comum?**

---

---

---

---

---

---

**07 - O que são, segundo Hume, raciocínios causais ou causação?**

---

---

---

---

---

---

**08 - Hume pretende mostrar com seus exemplos que os homens comuns de fato aceitam a doutrina da necessidade da conduta humana, contrariamente ao que afirmam certos filósofos, quando dizem que o homem é dotado de uma vontade livre. Explique como os exemplos servem para mostrar que os homens entendem que a conduta humana é necessária e que a vontade não é livre.**

---

---

---

---

---

---

**09 - Em visita à sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em 24/09/2015, o Papa tratou dos refugiados:** “O nosso mundo está a enfrentar uma crise de refugiados de tais proporções que não se via desde os tempos da II Guerra Mundial. Esta realidade coloca-nos diante de grandes desafios e decisões difíceis. [...] Se queremos segurança, dêmos segurança; se queremos vida, dêmos vida; se queremos oportunidades, providenciemos oportunidades. A medida que usarmos para os outros será a medida que o tempo usará para conosco. A regra de ouro põe-nos diante também da nossa responsabilidade de proteger e defender a vida humana em todas as fases do seu desenvolvimento”.

**Em 01/10/2015, Habermas deu uma entrevista à revista alemã Deutsche Welle, em que comenta a política do Estado alemão em relação aos refugiados, dizendo que “a frase de [Angela] Merkel – ‘se agora tivermos de nos desculpar por mostrarmos um rosto amigo para aqueles que precisam de nossa ajuda, este não é mais o meu país’ – tanto me surpreendeu quanto recebeu o meu respeito”.**

(Fontes: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html)>; <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/direito-de-asilo-e-direito-humano-diz-habermas-4676.html>>.)

**Relacione os comentários feitos pelo Papa Francisco e pela chefe do governo alemão, Angela Merkel, com as opiniões de Habermas sobre o necessário diálogo entre convicções religiosas e políticas de Estado no espaço público: Uma secularização não aniquiladora se realiza no modo da tradução (p. 24).**

(HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. Editora São Paulo: Unesp, 2013.)

## 10 - Considere a seguinte manchete e texto na sequência:

Em fevereiro de 1997, a opinião pública tomou conhecimento de que um grupo de pesquisadores do Roslin Institute, de Edimburgo, havia conseguido fazer pela primeira vez o clone de um mamífero adulto.

(Jornal Estado de São Paulo, segunda-feira, 24 de fevereiro de 1997)

**Em seu discurso, Habermas observa que a engenharia genética foi objeto de discussões envolvendo “fé e saber”.**

Ainda há pouco, os espíritos se dividiam a respeito de outro tema: se e em que medida deveríamos submeter-nos a uma autoinstrumentalização ou mesmo perseguir a meta de uma auto-otimização por meio da engenharia genética. Durante os primeiros passos nesse caminho, deflagrou-se uma luta de valores últimos entre os defensores da ciência e as Igrejas. Um dos lados temia o obscurantismo e uma exaltação de sentimentos arcaicos que alimentassem o ceticismo em relação à ciência, ao passo que o outro lado se voltava contra a crença no progresso científico, própria de um naturalismo cru que pretendia enterrar a moral.

Na controvérsia sobre como lidar com os embriões humanos, por exemplo, muitas vozes se remetem a Moisés I, 27: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou”. Não é preciso acreditar que Deus, que é amor, atribui a Adão e Eva um ser livre semelhante ao seu, para compreender o que significa algo ser criado à imagem de algo. O amor não pode existir sem o reconhecer-se em um outro, a liberdade não pode existir sem o reconhecimento recíproco. Essa reciprocidade na figura humana, por seu turno, tem de ser livre para poder retribuir a doação de Deus. [...] Ora, não é preciso acreditar nas premissas teológicas para entender que, se desaparecesse a diferença assumida no conceito de criação, e no lugar de Deus entrasse um sujeito qualquer, entraria em cena uma dependência de tipo inteiramente não causal. [...] O primeiro homem a determinar um outro em seu ser-*assim* natural, a seu bel-prazer, não destruiria aquelas mesmas liberdades que existem entre iguais para, assim, assegurar a sua diferença?

(HABERMAS, Jürgen. *Fé e saber*. Editora São Paulo: Unesp, 2013.)

**Sabendo que a crítica que a tradição religiosa faz à tradição científica envolve aspectos morais, aponte as preocupações e as consequências, segundo Habermas, que devem dizer respeito tanto a religiosos quanto a não religiosos acerca da manipulação genética de seres humanos.**

